

A relação entre os sindicatos e os trabalhadores desempregados: um desafio central para a organização da classe operária

Gonzalo Pérez Álvarez*

SOUZA, Davisson Cangussu. *Sindicalismo e desempregados: um estudo comparativo das centrais sindicais do Brasil e da Argentina (1990-2002)*. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, Coleção Trabalho e Desigualdade, 2013, 384 p.

Palavras chaves: sindicatos; desempregados; comparação.

Key words: trade unions; unemployed; compared.

O livro de Davisson de Souza investiga a relação entre o movimento sindical e os trabalhadores desempregados na Argentina e no Brasil entre 1990 e 2002, compreendendo o período de expansão das políticas neoliberais em ambos os países. Para tanto, o autor desenvolve uma profunda pesquisa, com foco nas lutas e atividades em torno deste problema por parte das quatro centrais sindicais mais importantes dos dois países: a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e FS (Força Sindical) no Brasil, e a CGT (Confederação Geral do Trabalho) e CTA (Central de Trabalhadores da Argentina) no caso argentino.

Este é um tema ainda pouco explorado pela historiografia e sociologia recente¹. Isto é especialmente notável, pois se trata uma questão de centralidade indiscutível no capitalismo contemporâneo, além de ser uma matriz histórica desse sistema desde a sua fase “clássica” ou de formação. Nesse sentido, o livro recupera a sistematização de Marx, Engels e outros clássicos da perspectiva do materialismo histórico como Gramsci e Lênin, assim como de pesquisadores formados nessa tradição, da relevância de Hobsbawm, Rudé e Thompson.

* UNP – CONICET

¹ Sem pretender ser exaustivo, citamos alguns trabalhos nesta linha: IÑIGO CARRERA, Nicolás (editor) *Sindicatos y desocupados en Argentina: 1930/35-1994/2004*; Bs. As. Pimsa y Dialektik, 2011; IÑIGO CARRERA, N.; FERNÁNDEZ, Fabián “El movimiento obrero ante la organización y formas de rebelión de los desocupados: 1930-1935”. *Revista Ciclos*, Año XVII, Volumen XVI, N° 31/32; Bs. As. UBA. 2007; pp. 125-152; MACEIRA, Verónica; SPALTENBERG, Ricardo “Una aproximación al movimiento de desocupados en el marco de las transformaciones de la clase obrera en Argentina”. *OSAL* N° 5, Bs. As. CLACSO, 2001; PÉREZ ÁLVAREZ, G. “Continuity and Rupture in the Labor and Piquetero Movements in Argentine Patagonia, 1990-2011”. *Latin American Perspectives: March* 2015, vol. 42 no. 2, University of California, USA, 2015, pp. 42-59.

Talvez a ausência de uma maior quantidade de pesquisas que explorem a relação entre o exército de operário ativo e o exército industrial de reserva da classe operária é explicado pela centralidade que a sociologia do trabalho de origem francesa conseguiu construir dentro da academia. Autores como Pierre Rosanvallon e outros nucleados nessa linha formaram uma matriz explicativa que dividia o problema do desemprego da situação geral da classe trabalhadora. Foi proposta uma “individualização” da análise, o que impediu entender a desocupação da uma parte da classe trabalhadora como um elo na cadeia de relações sociais que constituem o sistema capitalista. No livro de Souza se desenvolve um interessante debate com essas perspectivas, feito a partir de um levantamento bibliográfico que mostra um amplo conhecimento e sistematização da literatura.

Dizíamos que este é um trabalho que explora a relação entre os trabalhadores empregados (o exército de trabalhadores ativo) e os trabalhadores desempregados (exército industrial de reserva) da classe operária. A partir desta perspectiva, empregados e desempregados são considerados parte do mesmo conjunto de pessoas que sob o capitalismo se encontram despojados de suas condições materiais de existência e precisam de vender a sua única propriedade, sua força de trabalho, para acessar os seus meios de subsistência.

A pesquisa mostra a falta de rigor dos trabalhos que conceituam os desempregados como uma “nova classe”, demonstrando que o aumento do desemprego tem uma função disciplinar sobre toda a classe trabalhadora, reduzindo salários e reivindicações. Também são analisadas as várias formas de superpopulação relativa que se configuram a partir do desenvolvimento capitalista e as mudanças através dos estágios de cada formação social concreta.

O autor concentra sua observação na luta, nos confrontos sociais, mostrando que a maioria das centrais não formulou uma política de combate ao desemprego e também não conseguiu estabelecer uma orientação para alcançar a unidade entre empregados e desempregados do mesmo setor econômico. Somente a CTA estabeleceu uma proposta que tentou organizar os trabalhadores desempregados como parte dessa central. Ainda assim, em poucas oportunidades as reivindicações dos desempregados foram articuladas com as dos trabalhadores ocupados, embora formalmente fossem parte da mesma central sindical.

Ainda que o trabalho se concentre nas ações concretas, mantém registro dos discursos, da propaganda e das ações que não resultam da luta, tomadas pelas centrais sindicais. A pesquisa tem um rigoroso trabalho metodológico: entrevistas a líderes sindicais e a desempregados em ambos países, pesquisa das fontes sindicais, boletins informativos das organizações de bairro etc. Isso permite ao autor opor esses discursos e proclamações com os fatos, observando as complexidades de cada práxis sindical.

Em sua tentativa de compreender a relação entre sindicatos e desempregados, o autor desenvolve um conjunto de problemas que podem tornar-se uma agenda de pesquisa sobre a classe trabalhadora, as matrizes sindicais e as características de experiência e tradição das classes subalternas no Brasil e na Argentina.

Especialmente interessante é o debate sobre a estrutura sindical, que foi construído em ambos países a partir dos governos de Vargas e Perón (discussão mais rica na literatura brasileira que na argentina, onde esta questão parece mais naturalizada). A matriz sindical mostra como a sua relação com o Estado e a observância de leis e instituições foram limites que em quase nenhum momento os sindicatos poderiam subverter para combater o desemprego e para representar os desempregados.

A pesquisa estabelece uma diferença-chave entre luta contra o desemprego e lutar com os desempregados: exceto a CTA, as outras centrais estabeleceram políticas contra o desemprego, mas não com os desempregados. Na Argentina, a CGT organizou manifestações e projetos para tentar solucionar o problema, mas com uma lógica apenas enraizada nos interesses dos trabalhadores que ainda estavam ocupados.

No Brasil, é realizada uma maior penetração do discurso neoliberal nas práticas de ambas as centrais sindicais. A CUT, embora formalmente oposição e combativa, concentrou seus esforços no desenvolvimento de programas de formação para os desempregados. Dessa forma se reproduzia a perspectiva neoliberal, que vê o desemprego em massa como resultado de uma falta de qualificação profissional dos trabalhadores. O caso do FS é mais cristalino pois é uma central sindical que explicitamente aderiu à ideologia neoliberal: seu programa propôs a criação de cursos de requalificação para “treinar os desempregados”, em parceria com as empresas e o Estado.

Talvez esta política dos sindicatos seja uma das várias razões pelas quais o movimento de desempregados no Brasil não foi estruturada como uma força significativa nacionalmente. A pesquisa também faz essa pergunta, mostrando que grande parte da superpopulação relativa brasileira foi agrupada em movimentos organizados, pela sua orientação, para a população rural, como o MST (Movimento Sem-Terra). A maior tradição e experiência de lutas rurais no Brasil e a divisão mais tênue entre o rural e o urbano (essencialmente para uma grande parte do proletariado brasileiro de recente urbanização) desempenhou um papel central para que a luta e a organização se desenvolvesse desse modo.

Finalmente, notamos que o livro permite uma compreensão geral, mas não superficial, sobre a história do movimento operário no Brasil e na Argentina desde a sua criação até o presente, desenvolvendo uma perspectiva comparativa da dinâmica das estruturas econômicas e sociais de cada Estado. Esse conjunto de problemas propõe, como já destacamos, uma possível agenda de pesquisas comparativas que merecem ser exploradas. Também neste sentido o livro de Davisson Cangussu de Souza deve ser discutido por pesquisadores de ambos os países que estão desenvolvendo esse conjunto de questões.

Recebido em 18/05/2015

Aprovado em 07/12/2015